

UNIDADE 4 - 29/04/2016

PERGUNTAS NÃO RESPONDIDAS DURANTE O PROGRAMA**PROGRAMA – O Ato de avaliar****TEMA: Avaliação e Planejamento**

Respostas elaboradas pelo Professor Antonio Augusto Alves Mateus Filho, Assistente da Subsecretaria de Ensino (E/SUBE), convidado do Programa Interações Pedagógicas – Módulo 1º ao 3º Ano.

Fernando Pessoa e Rubem Alves nos inspiram sempre. Professor Antonio, como ser o facilitador nesse universo? Acredito no prazer do fazer.

Profª Cátia Raquel – 7ª CRE

R.: Prezada Cátia, em qualquer profissão e, particularmente, na nossa, o prazer de fazer é essencial, pois tudo o que se faz dentro dessa perspectiva fluirá de forma mais tranquila e proveitosa. Assim, para que o processo ensino-aprendizagem atinja os objetivos traçados, as relações afetivas que se estabelecem em sala de aula são essenciais. Exupéry, em *O Pequeno Príncipe*, fala da importância das relações, quando o príncipezinho insiste em perguntar o que é “cativar” e a raposa responde: “Criar laços”. Se o aluno percebe que o professor acolhe, estimula, inspira confiança e demonstra competência, esse aluno se envolverá naturalmente na aventura do conhecimento, estando, pois, o caminho aberto para o êxito escolar, mesmo que surjam dificuldades.

UNIDADE 4 – 29/03/2016

Professor Augusto, concordo com as questões citadas. Porém, como avaliar as crianças que chegam ao 3º ano não alfabetizadas e que são avaliadas com os descritores referentes ao 3º ano, sendo que nosso grupo possui características de 1º ano?

Com base no gráfico de aprovação, não seria necessário que o sistema observasse a prática pedagógica do 2º ano, já que os alunos não estão chegando ao 3º ano alfabetizados? O 3º ano acaba tendo que cumprir toda a defasagem do 2º.

Profª Mirian – 7ª CRE

R.: Prezada Mirian, a situação que todos desejamos é que todos os alunos cheguem ao 3º ano com as habilidades essenciais do 1º e do 2º ano já desenvolvidas. Este, aliás, deve ser o objetivo de qualquer professor, em qualquer ano de escolaridade: fazer com que todos os alunos desenvolvam as habilidades básicas desse ano. Mas, quando isso não acontece, temos de trabalhar para suprir essa lacuna, pois o aluno é da escola e esta não pode deixar nenhum aluno sem aprender. A situação que você cita nos remete a um ponto crucial: a necessidade do trabalho coletivo na escola. É preciso que o corpo docente que cuida da alfabetização, juntamente com a Direção e o coordenador pedagógico, analise os fatos, verifique as dificuldades e possíveis causas, e estabeleça um conjunto de estratégias tanto para resolver a situação do 3º ano quanto para rever o que vem sendo feito no 1º e no 2º ano da escola. Só assim será possível resolver de vez o problema da não aprendizagem no tempo certo.

UNIDADE 4 - 29/04/2016

**Qual a importância da avaliação em larga escala para uma rede como a nossa?
Em quais aspectos a avaliação em larga escala difere do procedimento denominado pelo professor de registro reflexivo?
Quais instrumentos são mais adequados aos procedimentos discriminados pelo professor Antonio – autoavaliação dialógica e registro reflexivo?**

Profª Fátima – GEF

R.: Cara Fátima, as avaliações externas são avaliações de caráter somativo, ou seja, buscam verificar os resultados obtidos por uma instituição ou por uma rede de ensino e permitir decisões estratégicas para aprimorar o trabalho que vem se desenvolvendo. Já as avaliações internas têm caráter formativo, ou seja, visam permitir que o professor identifique que habilidades o aluno já desenvolveu e que conhecimentos já aprendeu, ao mesmo tempo em que aponta onde estão as dificuldades dos alunos, além de mostrar a necessidade ou não de rever o planejamento. Ambas as avaliações só se concretizam quando percorridos os seguintes passos: coletar dados, analisar os dados e decidir a partir dos dados. Se não cumprimos essas três etapas, não houve avaliação.

Os procedimentos citados são característicos das avaliações internas, mas nada impede que, a partir das externas, se promovam autoavaliações e reflexões sobre o que elas demonstraram.

A autoavaliação dialógica da escola consiste em todos os envolvidos no processo educativo fazerem a avaliação de seu trabalho por escrito, o que pode ser estimulado por perguntas-chave e, a seguir, numa reunião, analisarem os pontos positivos, para aprimorá-los, e os de dificuldade, para encontrarem uma estratégia que permita superá-la. Essa mesma dinâmica pode e deve ser usada em sala de aula pelo professor com seus alunos.

O registro reflexivo é uma visão diferenciada do uso do Diário de Classe, pois não se limita a assinalar a frequência e o desempenho dos alunos e a anotar conteúdos trabalhados. Vai além: registram-se anotações significativas sobre o desenvolvimento dos alunos, dificuldades encontradas no curso do processo ensino-aprendizagem e reflexões e decisões pedagógicas sobre o que foi observado sobre a aprendizagem dos alunos e o processo ensino-aprendizagem.

UNIDADE 4 - 29/04/2016

O que é preciso para planejar a avaliação de um determinado período letivo?

Profª Ingrid – 11ª CRE

R.: Cara Ingrid, em primeiro lugar, devemos ter clareza dos objetivos previstos para esse período letivo e, em seguida, do que foi de fato trabalhado com os alunos. A partir daí, seleciona-se o que é essencial que todos os alunos tenham aprendido e elabora-se o instrumento avaliativo. Para que se possa perceber bem o desenvolvimento de cada aluno, sugerimos que se variem os instrumentos utilizados (provas, testes, trabalhos, pesquisas, autoavaliação etc.) e as diversas formas de um instrumento (se prova ou teste, variar os tipos de questão: discursivas, múltipla escolha, de correlação de colunas, de completar etc.).

Como utilizar as provas da SME como instrumento de avaliação para uma turma que apresenta diferentes grupamentos?

Profªs Francisca e Rita – E.M. Renato Leite

R.: Prezadas professoras, devemos entender que as provas da SME são apenas um dos instrumentos avaliativos a serem utilizados no bimestre. E não podem ser o único! O professor precisa valer-se de outros instrumentos (provas, testes, trabalhos, pesquisas, autoavaliação etc.) para dar oportunidade a todos os alunos de demonstrarem o que já aprenderam e o que ainda lhes apresenta dificuldades. Esses instrumentos, elaborados pelo próprio professor, que conhece os grupamentos de sua turma, podem e devem ser adequados a esse público-alvo. A avaliação da SME tem o objetivo não só de mostrar o que os alunos estão aprendendo do essencial previsto para o bimestre nas Orientações Curriculares de nossa Rede de Ensino, mas também de permitir aos envolvidos no processo (escola, CRE e Nível Central) perceber onde estão as maiores dificuldades de aprendizagem, quais alunos estão necessitando de apoio (recuperação paralela, reforço escolar etc.) e como está sendo desenvolvido o currículo. A partir desses dados, várias ações podem ser feitas, como, por exemplo: na escola, a Direção deve disponibilizar para cada professor, bimestralmente, os resultados de sua turma, imprimindo-os do DESESC, para que ele possa organizar suas atividades de recuperação paralela e rever seu planejamento do bimestre seguinte; na CRE, a Gerência de Educação pode discutir com as direções seus resultados e organizar suas ações de acompanhamento e formação; no Nível Central, as equipes pedagógicas podem organizar suas ações de formação e aprimorar os Cadernos Pedagógicos.

UNIDADE 4 - 29/04/2016

Como fazer avaliações diversificadas para perceber o avanço de todos os alunos, principalmente os que apresentam mais dificuldade?

Profª Erika – 3ª CRE

R.: Prezada Érika, ao avaliar alunos que estão em momentos diferenciados de aprendizagem, faz-se necessário ter clareza de que os instrumentos avaliativos elaborados pelo próprio professor podem e devem ser adequados a esse público real. Só assim atingirão sua finalidade. Você não precisa usar um instrumento igual para todos; pode fazer instrumentos diferentes, de acordo com o que foi trabalhado com cada grupo de alunos. Podemos, também, criar em sala de aula um movimento, por exemplo, de a cada dez aulas avaliar o que foi trabalhado, verificando as habilidades desse período específico. Tão importante quanto isso é como trabalhar com esses alunos: boas estratégias são o trabalho diversificado e o reagrupamento. É preciso ter clareza de que o objetivo tem de ser que todos os alunos, ao final do ano letivo, tenham conseguido desenvolver as habilidades essenciais para o ano de escolaridade que estão cursando. E cabe lembrar, mais uma vez, a importância do trabalho coletivo na escola, pois o aluno não é do professor, mas da escola, o que torna todos corresponsáveis, pois hoje eu sou o professor desse aluno, mas no ano seguinte outro poderá sê-lo.

Por meio de análise de dados do DESESC, eu mostrava as tabelas na Reunião de Pais, para que os pais entendessem em qual situação a turma se encontrava diante da CRE e da Prefeitura. Foi muito produtivo.

Profª Mariza – Ciep Francisco Cavalcante Pontes de Miranda – 9ª CRE

R.: Cara Mariza, parabéns! Sua proposta é interessante, visto que foi produtiva. Certamente, ela aproximou os pais da escola e os fez perceber que precisavam se fazer presentes no apoio a seus filhos. Os vínculos criados tanto atraem os pais para apoiar o professor, quanto refletem nas atitudes e na participação de seus filhos em sala de aula.

UNIDADE 4 - 29/04/2016

O senhor não acha que, ao longo do tempo, a escola vem se tornando democrática, tendo em sua clientela uma grande diversidade cultural, o que torna os desafios da alfabetização muito maiores do que anos atrás?

As provas da SME, sendo padronizadas, não são um modo de exclusão, se cada avaliação deveria ser única e individual?

Professores do Ciep Major Manuel Gomes Archer

R.: Prezad@s professores(as), que bom que a escola se tornou acessível a todos, pois favorece o exercício da cidadania e dá visibilidade à diversidade cultural riquíssima deste país, ajudando-nos a rever conceitos e superar preconceitos! Certamente temos desafios, até porque muitos de nós aprendemos Educação para um aluno ideal. Temos que enfrentar o real: cada ser humano é único. Logo, é necessário entender que nem todos aprenderão da mesma forma! Mas já está comprovado que é inerente ao ser humano a capacidade de aprender. Por isso, ser professor exige habilidades não só de área técnica, mas também de área socioemocional. O professor precisa essencialmente de afetividade, pois lida com o outro para ajudá-lo a constituir-se como ser humano e a inserir-se num grupo social. O professor necessita assumir um compromisso, que é ético e político, com a aprendizagem de todos e de cada um de seus alunos, para que estes tenham as condições para serem cidadãos de fato e de direito.

As provas da SME têm objetivo específico: verificar como estão os alunos em relação ao que deveria ser trabalhado no bimestre de determinado ano de escolaridade. Além disso, frise-se que é apenas uma entre as diversas atividades avaliativas (provas, testes, trabalhos, pesquisas, autoavaliação etc.) que cada professor pode e deve realizar durante o bimestre. Estas, sim, devem atender às particularidades da turma que se tem e que o professor conhece bem. Mas é necessário ter clareza de que todos os alunos, ao final do ano letivo, devem ter conseguido desenvolver as habilidades essenciais para o ano de escolaridade que estão cursando.

UNIDADE 4 – 29/03/2016

A avaliação tem como finalidade acompanhar o processo ensino-aprendizagem. Como garantir uma avaliação efetiva em uma turma de 3º ano em que a maioria não domina leitura e escrita e são crianças com idade defasada?

Professores da E.M. Denise Maria Torres (Escola em Foco) – 7ª CRE

R.: Prezada Denise, como são alunos defasados, primeiramente se faz necessário procurar motivá-los para a aventura de ler e escrever, utilizando textos adequados a essa faixa etária, e partir do vocabulário e de atividades que lhes são de interesse. Ao avaliar alunos que estão em momentos diferenciados de aprendizagem, faz-se necessário ter clareza de que os instrumentos avaliativos elaborados pelo próprio professor podem e devem ser adequados a esse público real. Só assim atingirão sua finalidade. Você não precisa nem deve usar um instrumento igual para todos; pode fazer instrumentos diferentes, de acordo com o que foi trabalhado com cada grupo de alunos. É preciso ter clareza de que o objetivo tem de ser que todos os alunos, ao final do ano letivo, tenham conseguido desenvolver as habilidades essenciais para o ano de escolaridade que estão cursando. Também é importante discutir a questão no coletivo de professores das turmas de alfabetização, tanto para trocar estratégias para dar conta do trabalho no 3º ano, quanto para aprimorar o trabalho que vem sendo desenvolvido nos anos anteriores (1º e 2º).

UNIDADE 4 - 29/04/2016

Como associar os aspectos qualitativos aos aspectos quantitativos de maneira justa na composição dos conceitos?

Professores da E.M. Oliveira Viana

R.: Prezad@s professores(as), conceituar um aluno exige atender a ambos os aspectos. A Resolução SME nº 1.123, de 24/01/2011, estabelece, em seus artigos 2º e 3º e respectivos parágrafos, o significado e os critérios para a atribuição do Conceito Global; e a Deliberação E/CME nº 19, de 17/03/2009, em seus artigos 2º (parágrafo único) e 3º, determina o que deve ser considerado ao atribuir esse conceito nos aspectos quantitativos e qualitativos. Nos aspectos quantitativos, observa-se em que grau o aluno atingiu os objetivos propostos para o período, os resultados que obteve nas atividades avaliativas, sua evolução a cada bimestre e as observações registradas pelo professor sobre seu desempenho escolar; nos qualitativos, deve-se observar o desenvolvimento do aluno quanto à liberdade de ação, expressão e criação, às interações que estabelece no espaço social, à compreensão e ao discernimento de fatos e à percepção de suas relações, e à capacidade de análise e de síntese. Assim, não cabe, em hipótese alguma, dar ou tirar pontos por atitudes, frequência ou participação, nem estabelecer uma escala de notas com correspondência em conceitos!

UNIDADE 4 - 29/04/2016

Acredito que a aprovação automática que acontece no 1º e 2º anos de escolaridade é desestimulante para os pais. E desesperador para o professor que recebe o 3º ano, geralmente com muitas crianças com defasagem de aprendizagem. Como fazer os pais participarem com responsabilidade durante o 1º e 2º anos, mesmo sabendo que a criança será aprovada de qualquer maneira, tendo que se preocupar com a reprovação somente no 3º ano?

Profª Marcia – E.M. Abeillard Feijó – 11ª CRE

R.: Prezada Marcia, em primeiro lugar, não há aprovação automática no 1º e no 2º ano de escolaridade. Os três anos iniciais constituem um todo: o processo de alfabetização – que, como qualquer processo, deve ter um “*continuum*”. O aluno tem de vivenciar todo o processo de aquisição da leitura e da escrita, sem interrupções. Interromper o processo é fazer uma ruptura que vai, certamente, afetar o desenvolvimento socioemocional desse ser humano em formação, pois, nessa fase de desenvolvimento, o pertencimento a um grupo social é significativo, trazendo reflexos em sua aprendizagem. A escola precisa discutir coletivamente o planejamento desse ciclo da alfabetização, para dar conta das defasagens durante o próprio processo. Têm-se mostrado eficazes o trabalho diversificado, o reagrupamento e o reforço escolar.

Quanto aos pais, é preciso que a escola esclareça o que significa um ciclo de alfabetização, que eles devem proporcionar a seus filhos momentos de estudo em ambiente tranquilo, e que mostre a eles a importância da frequência diária às aulas e da realização das tarefas escolares.

UNIDADE 4 – 29/03/2016

Sabemos que a alfabetização se dá num processo contínuo e, por isso, temos a aprovação no 1º e 2º anos e a primeira possibilidade de retenção no 3º ano. É lógico que ninguém visa à reprovação, mas, em certos casos, percebemos que o aluno necessita de um tempo maior para ter seu insight. No entanto, ao ser aprovado “automaticamente”, ele é mandado para frente e pode, muitas vezes, ser “atropelado” por certos conteúdos que ele ainda não tem meios de alcançar. Não seria mais interessante e produtivo se alguns ficassem retidos, a fim de respeitar seu tempo individual de aprendizagem?

E.M. Ministro Gama Filho – 3ª CRE

R.: Prezad@s professores(as), é preciso reafirmar o dito no programa: não há aprovação automática no 1º e no 2º ano de escolaridade. Os três anos iniciais constituem um todo: o processo de alfabetização – que, como qualquer processo, deve ter um “*continuum*”. O aluno tem de vivenciar todo o processo de aquisição da leitura e da escrita, sem interrupções. Interromper o processo é fazer uma ruptura que vai, certamente, afetar o desenvolvimento socioemocional desse ser humano em formação, pois, nessa fase de desenvolvimento, o pertencimento a um grupo social é significativo, trazendo reflexos em sua aprendizagem. Quando se fala em tempo diferenciado, não nos referimos à reprovação, mas a perceber que uns aprendem mais rapidamente que outros, uns trazem maior vivência das letras que outros, uns exigem maior intervenção do professor que outros, uns aprendem de forma diferenciada em relação a outros, mas todos têm a capacidade de aprender, pois esta é inerente ao ser humano. É importante ressaltar que tempo diferenciado não significa deixar o tempo correr até o aluno ter um “estalo”; significa que o aluno terá um tempo a mais, no qual o professor fará intervenções pedagógicas específicas para esse aluno, mediando sua aprendizagem. Repito o já dito: a escola precisa discutir coletivamente o planejamento desse ciclo da alfabetização, para dar conta das defasagens no próprio processo. Têm-se mostrado eficazes o trabalho diversificado, o reagrupamento e o reforço escolar. Outra questão importante: o ambiente alfabetizador, que deve ter, entre outros materiais, alfabetário, alfabeto móvel, material dourado, quadro valor de lugar, calendário, “chamadinha”, cantinho da leitura – com dicionários e livros de vários níveis de leitura, atendendo à faixa etária dos alunos –, cantinho de jogos (dominós – tradicional, de alfabeto, de palavras, de imagens x palavras, de quantidades, de contas etc.), cantinho de fichas, com atividades de ampliação ou de revisão de aprendizagens. Todo esse acervo só fará sentido se o aluno puder fazer uso dele permanentemente, inclusive para consulta quando faz exercícios em sala.

UNIDADE 4 - 29/04/2016

O professor deve ler as questões de 3º ano, visto que há alguns alunos que ainda não estão alfabetizados?

Profª Mirian – E.M. José Lins do Rego – 3ª CRE

R.: Prezada Mirian, sua pergunta é interessante. Nas provas bimestrais, a Coordenadoria Técnica emite orientações para a aplicação das provas dos três anos da alfabetização, sinalizando, quando pertinente, o que deve e não deve ser lido para o aluno. O mesmo ocorre na Provinha Brasil, que é aplicada no 2º ano. Porém, é preciso ter clareza de que todos os alunos do 3º ano deverão fazer as provas com leitura própria das questões ao menos no 2º semestre. Tendo essa perspectiva, o professor pode determinar como procederá em suas atividades avaliativas.

TEMA: Alfabetização e metodologia

Respostas elaboradas pela Gerência de Ensino Fundamental (GEF) – SME

Gostaríamos de sugestões para atividades diversificadas para o 3º ano.

Profª Maria Teresa – 2ª CRE

R.: Essas sugestões estão sendo trabalhadas na Formação de Regentes do 3º Ano de sua CRE, e vale ainda uma consulta aos Cadernos Pedagógicos.

UNIDADE 4 - 29/04/2016

Como trabalhar com os diferentes grupos que formam as turmas do 3º ano, com desafio de heterogeneidade de aprendizagens e conhecimentos?

Equipe GEF

R.: Inicialmente, em qualquer prática docente, para realizar um trabalho pedagógico, faz-se necessária uma avaliação diagnóstica para verificar o conhecimento do aluno e promover o avanço de cada um. A organização do trabalho pedagógico necessita de uma organização didática que privilegie:

- momentos em que todos os alunos realizem uma mesma proposta, individualmente ou em grupo;
- momentos em que, de uma proposta inicial, sejam realizadas tarefas diferentes, individualmente ou em grupo;
- momentos em que as propostas sejam diversificadas em função das necessidades específicas de aprendizagem de cada um.

Acima de tudo, os caminhos que cada professor adota precisam sempre suscitar um processo de reflexão, pois nada é dado e definitivo em nossa prática pedagógica.

O que fazer quando o aluno oferece resistência às propostas de atividades, deixando de realizá-las, apesar dos diversos estímulos lúdicos expostos em sala e explorados diariamente?

Professor – 3ª CRE

R.: Investigar o que de fato mobiliza o aluno e, ao mesmo tempo, refletir sobre sua prática, pois os alunos nunca respondem da mesma forma.

UNIDADE 4 - 29/04/2016

TEMA: Alfabetização e Ensino Especial

Respostas elaboradas pelo Instituto Helena Antipoff (IHA) – SME

Como avaliar as habilidades de letramento e alfabetização dos alunos incluídos na sala de aula regular? Que critérios e instrumentos devem ser utilizados ou como adaptá-los?

Prof^ª Ana Paula Urruth – Ciep Presidente Agostinho Neto – 2ª CRE

R.: Devemos ter maior atenção ao contexto social, político e cultural que o aluno vivencia na escola, com a finalidade de compreender o processo de letramento e alfabetização dos alunos, e buscar atividades diversificadas e flexíveis aos alunos, atendendo as suas diferenças individuais. Os principais critérios para avaliar o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos, bem como a alfabetização, são os seguintes:

- Compreensão na leitura e ter acesso a vários materiais de letramento. Observar se o aluno explora o alfabeto minúsculo e maiúsculo.
- Reconhecimento dos nomes próprios dos coleguinhas e os nomes comuns, feminino e masculino.
- Compreensão e identificação do uso e a função social da escrita (bilhetes, rótulos, cartazes, e-mail, letras de músicas, logomarcas etc.).
- Familiarização com a leitura de palavras, frases e pequenos textos, abordando as famílias silábicas aprendidas em sala de aula.
- Identificação dos tipos de texto: verbal (que se utiliza de palavras, oralmente ou por escrito, para comunicar uma mensagem) e não verbal (aquele que se utiliza de outros meios comunicativos, como figuras, gestos, desenhos, *cartoons*, cores, imagens, charges etc.).
- Aproximação das crianças com o mundo letrado, de forma que a leitura alimente o imaginário e incorpore as suas próprias experiências às brincadeiras, ao desenho e às histórias.

Uma habilidade de leitura fundamental de ser avaliada é se o aluno consegue ler com o auxílio de material gráfico e visual.

UNIDADE 4 – 29/03/2016

Que atitude devemos tomar quando percebemos que o aluno apresenta dificuldades além do cognitivo?

Professor – 7ª CRE

R.: O professor deve trabalhar com vários materiais concretos e recursos visuais para dar suporte no desenvolvimento da aquisição de conceitos e significados pelos alunos que apresentam dificuldades. Trabalhar com jogos e atividades de associação, quebra-cabeça, caça-palavras, soletrando, e trabalhar com músicas. Fazer adaptações e criar vários materiais pedagógicos, usando tampinhas de garrafa, usando o blocão.

Tendo três alunos incluídos numa turma, sem mediador, como podemos trabalhar com os outros alunos que não atingiram as habilidades do 1º e 2º anos?

Prof^{as} Monica e Rúbia – E.M. Marechal Thaumaturgo de Azevedo – 7ª CRE

R.: De forma a ser um facilitador no processo, necessita haver um trabalho articulado com o professor de Atendimento Educacional Especializado. Temos que trabalhar a alfabetização explorando a percepção e a atenção, os conceitos de igualdade e de diferenças na formação de palavras, nos dominós de rótulos, nos jogos etc. Fazer atividades desafiadoras, dividindo em grupos, soletrando.

Lembrando que os erros que o aluno apresenta é que fazem parte do processo de construção do conhecimento. Trabalhar com texto coletivo imagético, após a vivência ou experiência, por exemplo, de visita ao Jardim Zoológico ou ao Museu do Amanhã. Explorar as palavras-chave, para que os alunos possam refletir sobre a leitura e escrita a partir de textos significativos e contextualizados.

Inserir imagens, fotos do passeio ou pedir que os alunos desenhem, para que possam colocar no texto coletivo, no blocão.

UNIDADE 4 - 29/04/2016

TEMA: Caderno Pedagógico

Respostas elaboradas pela Coordenadoria Técnica (CT) – SME

Dois por cento não retornaram com o material Tarefas de Férias. Seria possível digitalizar o material?

Profª Márcia – E.M. Antônio Pereira

R.: Prezada professora Márcia, o material Tarefas de Férias foi postado no portal Rioeduca, a partir das solicitações dos professores regentes. O material foi disponibilizado em fevereiro.

Alunos não retornam com o material, e os poucos que trazem não podem ser considerados, pois fazem com o apoio do responsável. Seria um instrumento eficiente?

Profª Glauciane – 9ª CRE

R.: Material postado no Rioeduca como estratégia de solução para o não retorno.

A participação da família nas férias dos alunos é um dos princípios norteadores no momento da elaboração do material Tarefas de Férias, e é solicitado que as atividades sejam discutidas e acrescentadas com informações para o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem do aluno e o estreitamento da relação família-escola e família-aluno.

O objetivo do material Tarefas de Férias, além do já elencado acima, também é o retorno das habilidades desenvolvidas no ano letivo anterior, para que o professor regente planeje suas aulas que se iniciam atendendo às dificuldades dos seus alunos. O material funciona como uma diagnose da turma para o planejamento de 2016.

INTERAÇÕES

PEDAGÓGICAS

MÓDULO 1º AO 3º ANO

UNIDADE 4 - 29/04/2016

O que fazer quando não há o retorno satisfatório do material Tarefas de Férias por parte dos responsáveis/alunos?

Profª Cristina – 3ª CRE

R.: O material foi disponibilizado no Rioeduca, e o Caderno de Apoio Pedagógico do 1º bimestre retornou com as habilidades desenvolvidas em atividades. No Caderno do Professor foram apresentadas outras sinalizações referentes às habilidades dos anos anteriores (1º e 2º anos).